MEDITAÇÕES
PARA
MALTRAPILHOS

Meditações para Maltrapilhos

Brennan Manning

Traduzido por Fabiani Medeiros

Editora Mundo Cristão
São Paulo

Copyright © 1998 por Brennan Manning
Publicado originalmente por Harper San Francisco, uma divisão da Harper Collins Publishers, New York, EUA

Editora responsável: Silvia Justino
Editora assistente: Tereza Gouveia
Supervisão editorial: Ester Tarrone
Assistente editorial: Miriam de Assis
Revisão: Polyana Lima
Coordenação de produção: Lilian Melo
Colaboração: Pâmela Moura
Capa: Douglas Lucas
Imagem: Photodisc

Os textos das referências bíblicas foram extraídos da *Nova Versão Internacional* (NVI), da Sociedade Bíblica Internacional, salvo indicação específica.

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19/02/1998.
É expressamente proibida a reprodução total ou parcial deste livro, por quaisquer meios (eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação e outros), sem prévia autorização, por escrito, da editora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Manning, Brennan,

Meditações para maltrapilhos / Ann McMath Weinheimer, org.; traduzido por Fabiani Medeiros — São Paulo: Mundo Cristão, 2008.
Título original: Reflections for Ragamuffins

ISBN 978-85-7325-548-5

1. Calendários devocionais 2. Conduta de vida 3. Espiritualidade 4. Fé I. Weinheimer, Ann McMath II. Título.

08-06837 CDD-242.2

Índice para catálogo sistemático:
1. Fé: Reflexões: Calendários devocionais: Cristianismo 242.2
Categoria: Devocional

Publicado no Brasil com todos os direitos reservados por:
Editora Mundo Cristão
Rua Antônio Carlos Tacconi, 79, São Paulo, SP, Brasil, CEP 04810-020
Telefone: (11) 2127-4147
Home page: www.mundocristao.com.br

1ª edição: novembro de 2008

Para Paul Sheldon, por uma amizade
como aquelas que só ocorrem
uma vez em toda uma vida.

Antes de começar...

Os dicionários definem *maltrapilho* como "esfarrapado", "roto", "pelintra", "mendigo", "pedinte". Mas a definição bíblica de *maltrapilho* vai muito além, como mostra qualquer exame rápido das Escrituras.

Ao passearmos tranqüilamente pelos corredores da história da salvação, observamos que Deus sempre demonstrou um afeto especial pelos pobres e pequeninos, pelos humildes de coração. Desde o instante em que a teocracia é formada, no monte Sinai, Javé quis de Israel a compreensão de que ele esperava algo mais de seu povo eleito que a mera observância externa à lei mosaica. Com o passar dos anos, foi ficando cada vez mais evidenciado para os israelitas o fato de serem exatamente os maltrapilhos (os *anawim* — literalmente, "pequenos e pobres" —, como eram chamados em hebraico) o objeto especial da ternura e da compaixão de Deus.

A princípio, o termo *maltrapilho* tinha contornos somente sociológicos ou econômicos. Os maltrapilhos eram os desabrigados, os sem-terra, os meninos e as meninas de rua, os despojados, a quem um dia Deus tornaria novamente prósperos. Mais tarde, com a influência do profeta Isaías, o termo adquiriu sentido espiritual de enorme profundidade. O ministério de Isaías iniciou-se com uma visão de Deus "assentado num trono alto e exaltado [...]. Acima dele estavam serafins [...]. E proclamavam uns aos outros: 'Santo, santo, santo é o Senhor dos Exércitos...'". A visão deixou em sua alma uma marca incandescente e indelével: Deus é *totaliter aliter*, Totalmente Outro. Os sentimentos humanos não podiam tocá-lo, e o pensamento humano não era capaz de contê-lo. Como Charles de Foucauld aprendeu no momento de sua conversão: "Deus é tão grande que há uma distância infinita entre Deus e tudo o que não é Deus".

A idéia do mistério é ainda desconcertante para boa parte das mentes modernas, mas constitui a pulsação dos profetas e dos santos de todas as eras. Eles sabem que Deus pode fazer qualquer coisa e agirá desde que os homens e as mulheres sejam suficientemente humildes para reconhecer que necessitam dele.

Os profetas posteriores, seguindo os passos de Isaías, chamaram a essas pessoas simples e humildes *anawim* ou, transpondo para um conceito que possamos entender hoje: "maltrapilhos". Foi assim que os vocábulos relacionados à pobreza deixaram de ter sentido exclusivamente econômico para também abarcarem nuanças espirituais. No alicerce dessa mutação, estava o princípio de Isaías: Deus

executa seus atos divinos somente quando as pessoas reconhecem a insuficiência humana delas próprias (ou, no linguajar dos AA, sua "impotência humana"). Os verdadeiros amigos de Deus foram aqueles que se sentiram realmente pobres diante dele. Perceberam que o ato mais fundamental da religião era o fato de deverem a vida e o próprio ser a Outro. A dependência e a rendição amorosa consistiam para eles próprio fôlego de vida. Os maltrapilhos eram os pobres em espírito, pequenos aos próprios olhos, cientes de sua nudez e pobreza diante de Deus, por isso mesmo entregando-se sem reservas a sua misericórdia.

Era esse o espírito que Deus procurava em seu povo; é a única atitude que condiz com a condição de criatura própria do ser humano. Alia um senso de impotência da pessoa com uma confiança infalível no amor de Deus e uma rendição total à orientação de sua vontade. Os maltrapilhos eram na realidade o remanescente, o verdadeiro Israel para quem as promessas messiânicas haviam sido feitas.

Quando por fim o Filho de Deus abre as cortinas da eternidade e lá em Belém finca o pé na história humana, os que dão o passo de encontrá-lo são os verdadeiramente pobres em espírito: José, Zacarias e Isabel, Simeão e Ana, os pastores e os magos. Esses formaram sua corte, o remanescente sagrado de maltrapilhos prometido pelos profetas. Muito antes, porém, o olhar de Deus havia repousado com afeição especial sobre Maria, a jovem judia de Nazaré. Ninguém era mais verdadeiramente pobre em espírito, tão profundamente ciente de necessitar dele, tão inteiramente rendido a sua vontade. Foi por isso que ele a escolheu para ser a mãe do Messias — o menor e mais humilde na longa sucessão de maltrapilhos.

Como era de esperar, quando Jesus começa seu ministério profético, de imediato identifica o espírito de maltrapilho que havia nele: "... aprendam de mim, pois sou manso e humilde de coração...". E que dizer do primeiro grupo chamado para o reino? "Bem-aventurados os pobres em espírito, pois deles é o Reino dos céus."

Meditações para maltrapilhos consiste numa série de reflexões escritas num espaço de 22 anos — anos de alegria e sofrimento, de fidelidade e infidelidade, de compromisso intenso e graves recaídas, de vida desordenada e esforço intenso por ser fiel a Jesus. Compartilho essas reflexões com um alvo específico em mente: não desejando transmitir pensamentos inspiradores, mas esperando despertar, ressuscitar e reavivar uma confiança radical e inamovível no Deus representado em forma corpórea no Carpinteiro de Nazaré.

Creio piamente que o esplendor de um coração humano que confie na verdade de ser amado de modo incondicional confere maior prazer a Deus e lhe traz mais deleite do que a catedral mais magnífica jamais erigida ou o órgão mais estrondoso jamais tocado.

Confiar de forma inabalável hoje num maltrapilho é algo extraordinário, porque em geral exige um grau de coragem que chega às raias do heroísmo. Quando a sombra da cruz de Cristo recai sobre as pessoas na forma de fracassos, pesares, rejeição, abandono, desemprego, solidão, depressão, a perda de um querido; quando ficamos surdos a tudo o mais, exceto ao bramido estridente da nossa própria dor; quando o mundo ao redor repentinamente se apresenta como um lugar ameaçador e hostil, bem podemos bradar de angústia: "Como um Deus de amor permite que isso aconteça?". E assim é lançada a semente da desconfiança, obrigando-nos a uma situação de escolha: nos afastaremos de Deus, ou nos voltaremos em direção a ele mesmo quando a escuridão o esconde de nossa visão? Escolher a luz de Deus na noite escura do desespero é um ato heróico de coragem.

Continuo a deparar com essa escolha nos momentos mais sombrios, solitários e desalentadores de minha vida. Ao convidá-lo a unir-se comigo nessa viagem de maltrapilho, não peço mais de você do que peço de mim mesmo: que confie no amor de Deus não importando o que nos aconteça.

Brennan Manning

O amor de Deus

1º de janeiro

O amor de Deus não depende de coisa alguma, e é o fato de não depender de nada que nos dá segurança. Bastava estarmos fiados em qualquer coisa que fizéssemos para que então, desabando essa "coisa qualquer", o amor de Deus também ruísse. Mas com o Deus de Jesus isso jamais é possível. As pessoas que percebem isso conseguem viver de modo mais liberto e com mais plenitude. Lembra-se de Atlas, que carrega o mundo inteiro sobre os ombros? Temos também muitos Atlas cristãos que equivocadamente carregam o peso de tentar merecer o amor de Deus. Mesmo a simples observação da vida dessas pessoas é deprimente. Sabe o que eu gostaria de dizer ao Atlas? "Largue esse globo e dance sobre ele." E para esses Atlas cristãos exaustos? "Largue sua carga e construa a vida sobre o amor de Deus." Não precisamos fazer por merecer esse amor; nem somos responsáveis por sustentá-lo. É um dom gratuito. Jesus chama a plenos pulmões: "Venham a mim todos vocês, Atlas, que estão cansados e acham a vida um fardo, e eu os aliviarei".

O Senhor lhe apareceu no passado, dizendo:
"Eu a amei com amor eterno;
com amor leal a atraí".

Jeremias 31:3

A encarnação da compaixão

2 de janeiro

As inúmeras curas físicas realizadas por Jesus com o propósito de mitigar o sofrimento humano servem apenas de pequena mostra de como o coração do Filho de Deus se angustia pela humanidade ferida. Sua compaixão é visceral, brota do íntimo e opera num grau que nós humanos simplesmente não somos capazes de reproduzir. Jesus era capaz de sentir e compreender as profundezas da tristeza humana. Fez-se perdido com os perdidos, faminto com os famintos e sedento com os sedentos. Na cruz, peregrinou aos longínquos extremos da solidão, de modo que pudesse ficar solitário com os solitários e despojar a solidão de seu poder letal ao participar dela ele mesmo.

Foi o que fez então e continua a fazer mesmo hoje. Jesus vibra diante da esperança e do temor, das celebrações e dos abatimentos de cada um de nós. Ele é a encarnação da compaixão do Pai. Foi Meister Eckhart, místico do século XV, quem escreveu: "Você pode chamar a Deus de amor, você pode chamar a Deus de bondade, mas o melhor nome para Deus é compaixão". Quando falamos de Jesus Cristo como Emanuel, Deus conosco, afirmamos que o maior amante da história sabe o que é que nos fere. Jesus revela um Deus incapaz de se mostrar indiferente diante da agonia humana, um Deus que abraça plenamente a condição humana e mergulha com profundidade em nossa luta humana.

Jesus chamou os seus discípulos e disse:
"Tenho compaixão desta multidão; já faz três dias
que eles estão comigo e nada têm para comer.
Não quero mandá-los embora com fome,
porque podem desfalecer no caminho".

Mateus 15:32

O desafio de crescer

3 de janeiro

Deus algumas vezes introduz em nossa vida uma tensão capaz de criar algo, chamando-nos, por exemplo, para levantar acampamento, abandonar a segurança e o conforto que experimentamos e embarcar em arriscada liberdade num novo êxodo. É em momentos como esses que nossa insegurança e nossa procrastinação podem concentrar-se somente nas implicações mais difíceis do desafio e nos fazer mergulhar de novo numa culpa nada saudável. Permanecer teimosamente parados onde estamos quando o Senhor claramente nos desafia ao crescimento é dureza de coração, infidelidade e falta perigosa de confiança. Mas começar a vagar pelo deserto impulsivamente sem a direção da nuvem e do fogo é insensatez inconseqüente. Quando o chamado de Deus não fica claro e a voz interior permanece indistinta, nossa inquietação e a ansiedade que experimentamos interiormente podem estar sinalizando um novo êxodo para uma abertura maior, uma vulnerabilidade maior, uma compaixão maior, uma pureza mais profunda de coração, uma mente e um espírito transformados. O cenário geral da igreja está salpicado em toda parte com corpos exauridos e com o aborto de ministérios que nasceram da culpa insalubre e do medo de resistir à vontade de Deus.

Quem nos absolverá da culpa? Quem nos libertará do cativeiro do desejo de projeção, do perfeccionismo e do moralismo? Quem reescreverá o roteiro? Graças a Deus por Jesus Cristo, nosso Senhor!

Quando virem a arca da aliança do Senhor*,*
o seu Deus, e os sacerdotes levitas
carregando a arca, saiam das suas posições e sigam-na.
Mas mantenham a distância de cerca de novecentos metros
entre vocês e a arca; não se aproximem! Desse modo
saberão que caminho seguir, pois vocês nunca passaram por lá.
Josué 3:3-4

Quando somos amados

4 de janeiro

Vários anos atrás, um ministro de Detroit chamado Edward Farrell foi visitar parentes na Irlanda numas férias de verão de duas semanas. Seu único tio vivo ia comemorar oitenta anos. No grande dia, Ed e seu tio se levantaram cedo. Era antes do alvorecer. Saíram para caminhar nas margens do lago Killarney e então pararam para observar o nascer do sol. Ficaram lado a lado por vinte minutos e depois continuaram a caminhada. Ed fitou o tio, vendo que o rosto deste se abria num grande sorriso. O sobrinho então lhe disse:

— Tio Seamus, você parece tão feliz.

— Estou mesmo, rapaz.

— Quer me contar por quê? — perguntou Ed.

Ao que o tio responde:

— O Pai de Jesus gosta muito de mim.

Como você responderia se lhe fizessem a seguinte pergunta: "Você sinceramente crê que Deus *gosta* de você, e não apenas o ama porque teologicamente tem de amá-lo?" Deus necessariamente ama, porque é de sua natureza; sem a geração interior e eterna de amor, ele cessaria de ser Deus. Mas, se você puder responder "O Pai gosta muito de mim", você receberá uma tranqüilidade, uma serenidade e uma atitude de compaixão para consigo mesmo que reflete a própria ternura de Deus. Em Isaías 49:15, Deus diz: "Haverá mãe que possa esquecer seu bebê que ainda mama e não ter compaixão do filho que gerou? Embora ela possa esquecê-lo, eu não me esquecerei de você!".

Ninguém conseguirá resistir a você todos os dias da sua vida.
Assim como estive com Moisés, estarei com você;
nunca o deixarei, nunca o abandonarei.

Josué 1:5

Seu amor leal

5 de janeiro

O coração do Pai era o esconderijo de Jesus, um lugar fortalecido e protegido em que Deus se fazia próximo, em que se renovava a intimidade do deserto, onde jamais morriam a confiança, o amor e a percepção que tinha de si mesmo, sendo todos esses, antes, continuamente reacesos. Em momentos de oposição, de rejeição, de ódio e de perigo, ele se retirava para aquele esconderijo em que era amado. Em momentos de fraqueza e temor, nasciam lá uma força e uma inabalável perseverança. Diante das incompreensões e das desconfianças que só aumentavam, apenas o Pai o compreendia. "... Ninguém sabe quem é o Filho, a não ser o Pai..." (Lc 10:22). Os fariseus conspiraram secretamente para destruí-lo; os amigos das horas boas estenderam a outros seu compromisso de lealdade; um discípulo o negou e outro o traiu; mas nada podia afastar Jesus do amor do Pai. Na reclusão dos lugares desertos, ele marcava encontros com El Shadai, e é difícil imaginar o que aqueles momentos significavam para ele. Mas de uma coisa podemos estar certos: eram profundamente reforçadas a identidade e a percepção — originais, crescentes e definitivas — de Jesus como Filho, Servo e Amado do Pai. Nada pode prejudicar a proclamação das boas notícias acerca da vida eterna nem impedir que se ajudem as pessoas num modo de vida que lhes permita crescer em direção à eternidade — um caminho de paz e justiça, com espaço para que a dignidade humana seja reconhecida e o amor floresça.

Graças ao grande amor do Senhor é que não somos consumidos,
pois as suas misericórdias são inesgotáveis.
Renovam-se cada manhã; grande é a sua fidelidade!
Lamentações 3:22-23

No centro do evangelho

6 de janeiro

Jesus Cristo não só é o centro do evangelho, mas o evangelho como um todo. Os quatro evangelistas nunca se concentram em outra personalidade. Pessoas secundárias permanecem em segundo plano; homens marginais permanecem na margem. A ninguém mais se permite que tome o centro do palco. Várias pessoas aparecem somente para interrogar Jesus, responder a ele ou reagir diante dele. Nicodemos, a mulher samaritana, Pedro, Tomé, Caifás, Pilatos e vários outros servem de fundo à pessoa de Jesus. Todos ficam minúsculos diante dele. E é assim que deve ser, porque o Novo Testamento é oportunidade de salvação. Quando se fecharem as cortinas do último ato, Jesus roubará a cena de todos os famosos, belos e poderosos que jamais viveram no curso da história humana. Cada pessoa será vista em sua resposta a Jesus. Como afirmou T. S. Eliot: "Ó minh'alma, prepara-te para o encontro com aquele que sabe fazer perguntas". Esse é o correto entendimento teológico do Novo Testamento e do senhorio escatológico de Jesus Cristo.

Se vivemos pelo Espírito,
andemos também pelo Espírito.
Gálatas 5:25

O coração atribulado

7 de janeiro

"O diabo nunca fica mais contente", disse Francisco de Assis, "do que quando rouba a paz do coração de um servo de Deus". A paz e a alegria ficam em baixa quando tudo que o coração de um cristão anseia é um sinal após outro do amor misericordioso de Deus. Ele não conta com nada, e nada é recebido com gratidão. Os olhos aflitos e o cenho franzido do crente ansioso são sintomas de um coração em que a confiança não encontrou morada. O próprio Senhor deve atravessar conosco todas as sombras do espectro emocional — desde a fúria até o divertimento, passando pelas lágrimas. Mas permanece a verdade pungente: não confiamos nele. Não temos a mente de Cristo Jesus.

Ele lhes disse: "Por que vocês estão perturbados
e por que se levantam dúvidas no coração de vocês?".
Lucas 24:38